



Apesar das barbaridades que o regime racista da África do Sul tem vindo a cometer, não consegue deter a revolta e calar a voz do Povo. A gravura mostra uma manifestação de crianças em Cape Town, reclamando a prisão dos seus pais. Num dos cartazes que uma das crianças traz, pode ler-se: «I want my mama» (eu quero a minha mãe)

9 de Agosto

O significado do dia da mulher sul-africana

• A infame lei do passe

Foi assinalado no passado dia 9 o Dia da Mulher Sul-Africana. A data celebra o acto de mais de vinte mil mulheres que, em 9 de Agosto de 1956, marcharam em direcção a Pretória para protestarem contra a infame Lei do Passe.

Por ocasião da passagem desta data, o Secretariado Nacional da OMM enviou uma mensagem à Secção Feminina do ANC da África do Sul, na qual saudava todas as mulheres envolvidas na luta contra o «apartheid» e reafirmava o nosso apoio incondicional à justa luta daquele Povo. De salientar que no mesmo dia, em Maputo, os elementos do ANC, no nosso País, organizaram, em colaboração com a OMM, um convívio cultural que contou com a participação de convidados e de outras organizações de mulheres.

A INFAME LEI DO PASSE

O estabelecimento desta data como Dia da Mulher Sul-Africana, tem a sua importância e significado baseados na luta que o Povo irmão deste país trava contra o regime do «apartheid». O dia 9 de Agosto marca a luta prolongada da mulher em especial contra as leis discriminatórias e repressivas do regime em vigor.

Na África do Sul cinco milhões de negros trabalham nas áreas consideradas de brancos, onde lhes é permitido habitar apenas durante o tempo em que os racistas lhes dão emprego. Quer dizer que a raça negra aparece apenas para fornecer mão-de-obra barata.

Para controlar a vida do Povo, o governo sul-africano introduziu a lei do passe, que permite o controlo das deslocações da população.

Inicialmente, a lei do passe, que controlava a residência, as condições de trabalho, a movimentação da mão-de-obra, era apenas utilizada para os homens, mas, mais tarde, estendeu-se também às mulheres, com o objectivo de obrigar todas aquelas que não eram empregadas domésticas nas cidades, a viverem nas reservas. Mas a mulher sul-africana, integrada no contexto geral de luta daquele Povo irmão, não se mostrou submissa a esta situação, lutou de diversas formas para combatê-la e, como sempre, a resposta do regime do «apartheid» foram as prisões e os massacres.

Esta luta contra o passe crescia dia após dia e em toda a parte a infiltração e revolta nasciam no íntimo de cada cidadão. Em 1955 realizou-se a primeira grande manifestação anti-passe, onde participaram duas mil mulheres.

Foi então que o governo iniciou a emissão de passe apenas para as mulheres com menos possibilidade de protestar, tendo estendido assim o passe para as mulheres do campo. Mas estas protestavam, chegando mesmo a queimar os seus passes.

A 9 DE AGOSTO

Estes protestos culminaram com uma manifestação realizada em Pretória, capital do país, em 9 de Agosto de 1956, onde tomaram parte vinte mil mulheres vindas de várias partes do país. E assim, em honra deste importante acontecimento, esta data passou a ser comemorada como o Dia da Mulher Sul-Africana.

Importa porém sublinhar que o governo sul-africano, para tornar o sistema do uso do passe inevitável, adoptou normas segundo as quais as mulheres idosas que o não possuíssem, perdiam direito à sua magra pensão de velhice; as mães sem passe não podem registar os filhos; os professores e enfermeiros são expulsos do serviço. Esta manobra infame obrigou a que o Povo, a pouco e pouco, se visse forçado a adquirir o passe.

A LUTA CONTINUA

Mas «A Luta Continua» é também uma palavra de ordem para a mulher sul-africana. Ela não tem ficado alheia ao combate que na sua terra se trava para destruir o regime do «apartheid», apesar da agressividade do inimigo. Em todas as ocasiões encontra-se entre o seu povo na luta pela conquista dos seus direitos.

Também o Povo moçambicano e as mulheres do nosso País se solidarizam com esta luta e dão todo o seu apoio à justa causa do Povo sul-africano.

EXEMPLO DE TRABALHADORA E MÃE EXEMPLAR

★ Desde 1964 como criada, depois servente, Raquelina Tchamo é hoje motorista profissional de pesados

Raquelina Tchamo, hoje uma motorista dos Serviços de Salubridade do Conselho Executivo da Cidade de Maputo, constitui um dos exemplos vivos da mulher e mãe determinada não somente na luta pela melhoria das suas condições de vida, enquanto indivíduo, mas também no combate pela sua emancipação como mulher.

Com 46 anos de idade, aquela mulher que, tendo começado a trabalhar em 1964, já passou pelo serviço de criada, foi depois servente dos postos sanitários da então Câmara Municipal da cidade de Lourenço Marques. Hoje está habilitada com uma carta de condução profissional de pesados e serviços públicos, resultado deste conseguido pelo esforço de dedicação ao longo dos 15 anos de trabalho na sua vida.

Num breve diálogo com a nossa Reportagem, Raquelina Tchamo, que é natural de Chibuto, Província de Gaza, contou-nos que desde há muitos anos foi sempre sua aspiração habilitar-se à condução automóvel ou a um outro serviço melhor, como forma de garantir uma melhoria da sua vida e dos seus filhos.

Na verdade, aquela mulher em cujo rosto são bem visíveis as marcas deixadas por longos anos de trabalho e de sofrimento, imagem esta que a faz parecer mais idosa do que é na realidade, explicou-nos que desde 1964 que se viu obrigada a lutar sozinho pela vida, pois o marido a abandonara, deixando-a com seis filhos menores.

Tal como afirmou, a situação da sua vida tornou-se muito difícil, a partir daquele ano, sendo ainda agravada pelo facto de não se encontrar a trabalhar, para sustentar os seus filhos, um dos quais recém-nascido.

LUTAR PELA VIDA E PELA EMANCIPAÇÃO

Abandonada pelo marido e como tal sem ninguém que a ajudasse a sustentar os filhos, Raquelina Tchamo inicia um combate simultâneo na sua vida. Se por um lado ela necessitava de trabalhar para se sustentar a si e aos seus filhos, por outro lado, essa atitude

significava, ao mesmo tempo, uma exigência da sua emancipação como mulher, já que o marido a abandonara, talvez convencido que ela morreria desamparada, pelo simples facto de ser mulher.

Possuindo como grau de conhecimento literário apenas o 2.º classe e não conseguindo uma melhor colocação, apesar das várias tentativas feitas nesse sentido, ela decide empregar-se como criada. Ela tinha nessa altura 29 anos de idade e, tal como nos contou, apesar dos 350 escudos que recebia como criada não serem suficientes para a sua vida e dos seus seis filhos, Raquelina Tchamo manteve-se naquela posição como forma de sobreviver.

Passados cinco anos de trabalho intermitente, sempre com o mesmo salário, a jovem mãe consegue, através de esforço próprio, um novo emprego na então Câmara Municipal da cidade de Lourenço Marques. Isto em 1969. Aqui, Raquelina Tchamo trabalha como guarda ou, melhor, servente dos postos sanitários instalados nos mercados municipais, com um salário mensal de 850 escudos.

— Eu aceitei o trabalho de guarda nos postos sanitários da então Câmara Municipal, na medida em que ele significava em termos concretos ou, melhor, o salário que iria receber era relativamente superior ao anterior, embora inferior na realidade — afirmaria no meio do diálogo a nossa interlocutora, denotando na sua expressão uma elevada experiência de vida.

Ela conta-nos que quando começou a trabalhar na ex-Câmara Municipal viu mais próxima a realização de uma das suas aspirações: candidatar-se à condução automóvel ou a um outro trabalho melhor.

Contudo, nem uma nem outra coisa consegue. A sua 2.ª classe não a habilita ao lugar de condutor e muito menos à condução automóvel, pois esta última exigia como condição indispensável, a 4.ª classe e o pouco tempo de que dispunha depois do trabalho mal chegava para cuidar dos seus seis filhos. Seria demasiado irrealista, conforme sublinhou.

pensar em matricular-se na escola para aumentar os seus conhecimentos. Ou garantiria o mínimo de condições aos seus filhos, mantendo-se a trabalhar naquelas condições, ou matricularia-se na escola e perdia o emprego. Decidiu manter-se no trabalho esperando por melhor oportunidade.

FRELIMO LIBERTOU A TERRA E OS HOMENS

Os anos foram passando e Raquelina Tchamo continua a lutar esperando sempre uma melhor oportunidade, e ela sabe por experiência de vida que os conhecimentos do homem não se traduzem apenas no grau académico mas que este se complementa com a prática.

Efretamente, em 1975, o Povo moçambicano dirigido pela Frente de Libertação de Moçambique conquistou a sua independência nacional, num acto cultural que não liberta somente a terra ocupada mas também o homem colonizado e humilhado.

Quando o Governo da República Popular de Moçambique revoga a lei colonial que impunha como condição indispensável para se ser motorista, a 4.ª classe, então Raquelina Tchamo compreende ainda melhor que de facto a Frente de Libertação de Moçambique não libertou apenas a terra mas também o Homem.

Em 1976 ela matricula-se na escola de condução automóvel, depois de ter frequentado algum tempo a escolarização como forma de se relembrar daquilo que obviamente se havia esquecido.

Os instrutores e mesmo alguns colegas consideram uma «aventura» a sua decisão, ainda por cima para pesados. Ela vê-se obrigada a inventar uma história ao afirmar que era proprietária de um camião de

aluguer, como forma de conseguir o lugar. O obstáculo já não eram as habilitações literárias mas sim a sua idade.

Cum toda a dedicação e esforço, Raquelina Tchamo finalmente obtém aprovação no



Raquelina Tchamo, de 46 anos de idade, hoje motorista dos Serviços de Salubridade do Conselho Executivo da Cidade de Maputo, é um dos exemplos vivos da mulher e mãe determinada

exame de condução de pesados. Colegas de serviço, pessoas conhecidas e familiares ficam «admirados» e comemoram.

Os seus seis filhos são, hoje homens e mulheres e cada um trabalha para o sustento da sua família.

O seu esforço e dedicação ao longo dos 15 anos de trabalho na sua vida, constituem um dos exemplos vivos da mulher e mãe determinada na luta simultânea pela vida e pela emancipação enquanto mulher.

BENJAMIM FADUCO

A decorrer em Maputo

CURSO DE ORGANIZAÇÃO E MÉTODOS DE TRABALHO

Um curso de Organização e Métodos de Trabalho para membros dos Secretariados Provinciais e quadros da O.M.M., a nível provincial, teve início no passado dia 8 em Maputo, prevenindo-se que tenha a duração de 45 dias.

A sessão de abertura foi presidida pela camarada Graça Machel, membro do Comité Central do Partido FRELIMO e responsável do Departamento de Educação e Formação de Quadros do Secretariado Nacional da

nossa Organização. Referindo-se à importância do curso, aquela responsável disse que a sua realização permitirá às participantes conhecer o funcionamento da organização, sobretudo conhecer como dirigir a Organização e como planificar e executar as suas actividades.

Neste sentido, observou ainda que o curso se destina prioritariamente a abrir novos horizontes, dar uma visão do mundo aos quadros da Organização da Mulher Moçambicana.



Detalhe da viagem que ela conduz, durante o trabalho, levando alguns dos seus colegas a transportar o lixo para o camião

ORGANIZAÇÃO DE MULHERES HÚNGARAS DE VISITA A MOÇAMBIQUE

A convite da Organização da Mulher Moçambicana, encontra-se desde o dia 8 no nosso País uma delegação do Conselho Nacional das Mulheres Húngaras, chefiada pela respectiva presidente, Edith Erdei.

Esta deslocação enquadra-se no âmbito do estreitamento das

relações de amizade e solidariedade existentes entre as organizações dos nossos dois países socialistas.

A delegação, que teve já um encontro com a camarada Secretária-Geral da OMM, Salomé Moiane, visitou o Centro de

Produção do Infulete, a cooperativa de costura do Houlene, a fábrica de refrigerantes, a Namaacha e a Escola Secundária da FRELIMO, no mesmo distrito. Ontem esteve na Aldeia Comunal dos Antigos Combatentes, no distrito do Umbelúzi, na província de Maputo.

NA R.M.

TODOS OS SÁBADOS ÀS 14.15 HORAS

Todos os sábados, às 14.15 h, a Rádio Moçambique transmite em cadeia nacional um programa de Rádio da Organização da Mulher Moçambicana. O mesmo é repetido às quartas-feiras à mesma hora. O último programa, que será retransmitido depois de amanhã, foi sobre o Dia da Mulher Sul-Africana e a luta que naquele País se desenvolve contra o regime de «apartheid».